

NOTA DE LEITURA

MARTINS, Walter. *Nem senhores, nem escravos: os pequenos agricultores em campinas, 1800-1850*. Campinas, Área de Publicações CMU/Unicamp, 1996

Denise Moura*

Já não é de agora que a história vem passando por um revigoreamento. Novos temas e novos materiais de pesquisa tem nos colocado diante de outras faces do nosso passado colonial e do Império.

Mesmo a história deste século, que já vai se tornando também passado, tem mobilizado o interesse e as investigações de muitos historiadores, como pudemos perceber no último congresso realizado pela ANPUH em Florianópolis – aliás, um dos melhores que veio fechar muito bem este século, já que o próximo encontro será apenas em 2001, em Niterói.

Uma das grandes conquistas da historiografia nestas duas últimas décadas parece ser a aproximação dos historiadores de possíveis modos de viver, agir e pensar das pessoas do passado. Isto só foi possível conforme ampliamos nossas possibilidades de materiais de pesquisa e os inventários, por exemplo, parecem ser um dos tipo de fonte que mais nos favorece na difícil tarefa de chegar a estas pessoas.

Arrolando tudo o que lhes pertencia, das terras, casas, animais, escravos, ao mais miúdo objeto, estas fontes podem nos ajudar muito a refletir e imaginar sobre antigos hábitos, condutas e pensamentos que de algum modo ainda persistem em nossas práticas atuais, o que nos leva a crer que fazemos história talvez para entendermos a nós mesmos.

Mas tão importante quanto recorrer aos inventários para captar texturas da vida social e mental passada é a interação desta documentação com outros tipos de fontes, que podem ser os cronistas, as iconografias, discursos oficiais ou qualquer outro material que a sensibilidade e a cria-

* Doutoranda do Dep. de História da USP, autora de **Saindo das sombras: homens livres no declínio do escravismo**. UNICAMP/FAPESP, 1998.
E-mail: denisedemoura@uol.com.br

tividade do historiador permitir, pois para pelo menos beirar esferas de vida tão íntimas do passado, como um modo de comer ou uma devoção, é preciso ter paciência de rendeira, amalhando e urdindo fios que estão dispersos e embaralhados nas imagens construídas pelo tempo em que a fonte foi produzida.

Nem senhores, nem escravos percorre esta trajetória morosa e difícil, nos fazendo ter a impressão de que o autor retrocedeu pouco mais de 150 anos na história da sociedade rural campineira e retornou para nos contar o que viu.

O jovem historiador Walter Martins, através de um denso trabalho de pesquisa em inventários e cronistas, procurou mostrar como foi a vida dos pequenos produtores de alimentos da região, entre os anos 1800-1850. Intrigava o autor saber se estes lavradores conseguiram, com o correr dos anos de muito trabalho, alcançar um nível de vida material mais elevado.

A maneira como conversa com os documentos, sem se embarçar numa teia de modelos teóricos apriorísticos, faz com que desta questão inicial surjam conteúdos da cultura material¹ dos plantadores pobres e remediados, como os alimentos que faziam parte da sua dieta, a forma como se vestiam, como moravam, as louças que usavam, os remédios com os quais se curavam, os instrumentos de trabalho. Leva-nos a um nível da sociedade cujo tempo escoava lentamente, através do correr dos dias preenchidos por gestos incessantemente repetidos.

Trata-se de um estudo que promete germinar muitas outras pesquisas, pois ao enveredar-se pela vida material da época, muitas trilhas de idéias foram despontando. Ao falar dos lavradores não se esqueceu da face feminina deste segmento, deixando vir à cena mulheres de maridos ausentes defrontando-se com questões ligadas a sexualidade e ao amor. Tema que vem sendo sensivelmente estudado para a colônia² e que pode gerar novas interpretações, inclusive para outras regiões e períodos.

Mulheres, que como muito bem mostrou o autor, trabalhavam arduamente ao lado de seus companheiros ou sozinhas, mas mesmo a aspreza da faina diária não conseguiu diluir suas sensibilidades. Envolviam-se em concubinatos discretos e muitas vezes abrigaram no ventre frutos destes amores proibidos. Construindo com graça e força a própria exis-

¹ Sobre o conceito e seu campo de atuação ver PESEZ, Jean-Marie. "História da Cultura Material" In LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1995, pp. 180-215.

² Sobre esta temática são bastantes conhecidos os trabalhos de Mary Del Priore, Fernando Torres Londoño, Lana Lage da Gama Lima entre outros.

tência e a dos seus, muitas destas mulheres foram à justiça lutar pelo que lhes cabia de direito: a pensão alimentícia (p. 50).

Num tempo de mobilidades necessárias, de homens errantes na sobrevivência e mulheres obrigadas às longas ausências de seus maridos, a sexualidade e as relações conjugais foram se elaborando em torno de provisoriiedades e uniões informais feitas e desfeitas.

Das crianças que cresciam nestes tempos de lide difícil na terra e que vingavam robustas num meio de poucos recursos médicos, o destino prometia-lhes longas jornadas de trabalho na roça, mas o costume da constituição precoce de famílias terminava por ceifar aos pais um braço a mais na lavoura. (p. 53)

A prática costumeira de agregar dependentes é vista na paisagem rural do período em novas nuances. Também lavradores pobres e mestiços compartilhavam do hábito de agregar outros menos favorecidos em recursos materiais, mas pôr-se na dependência de alguém não implicava na submissão absoluta, pois muitos moravam com uns e trabalhavam com outros. Inválidos e pessoas idosas também eram acolhidas como agregados, apontando uma relação que para além da troca de favores abria ampla margem para o exercício da piedade.

A morte e as cerimônias fúnebres parecem ter sido acontecimentos rotineiros no fluir dos dias destes lavradores³. A ausência de médicos, as longas distâncias da vila e as baixas condições de salubridade abreviaram a vida de muitos recém-nascidos, parturientes e doentes, fazendo da morte uma presença incômoda, mas contínua. A partir dos testamentos o autor aponta as possíveis atitudes dos homens no crepúsculo da vida: reconhecer filhos ilegítimos, socorrer-se a todas as entidades celestes, não deixar dívidas pendentes com os santos e imitar-lhes a simplicidade, alforriar escravos. Gestos derradeiros que amenizavam a angústia da partida de destino incerto.

Segmento que ainda parece aguardar estudos mais detalhados é o dos músicos e artistas na sociedade do Dezenove. Conforme mostra o autor, na cidade de Campinas em 1825, um pardo que vivia de botica também exercia o ofício de músico, tendo sua medicina oficialmente reconhecida pelo padre da localidade, que não deixou de também frisar sua “honra e comportamento distinto” (p. 70), defendendo-o, assim, da acusação de charlatanismo.

³ Ver MARCÍLIO, Maria Luíza. “A morte de nossos ancestrais” In MARTINS, José de Souza. **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo, HUCITEC, 1983, pp. 61-75.

Os artistas sempre carregaram o fardo da marginalização e do questionamento de suas condutas, o que talvez possa ter tornado muito difícil o exercício de outras tarefas necessárias para a sobrevivência, exigindo a intervenção de autoridades civis e eclesiásticas que procuravam acreditá-los num meio de desconfianças.

Do que viu e concluiu o autor, homens, terra e natureza viviam em verdadeira simbiose. Era socorrendo-se na “botica da natureza”⁴ que homens e mulheres precaviam-se ou curavam suas doenças. A vida em comum também estendia-se aos seus doentes, que permaneciam com suas famílias até a partida. De 1860 em diante os lazaretos parecem ter começado a abrigar os leprosos em Campinas. Talvez não tanto por ter aumentado o número de pessoas portadoras desta doença (p. 73). Seria um sintoma de esgarçamento desta maneira socializada de viver com seus doentes?

A vida também transcorria cheia de uma religiosidade nuançada em sentimentos profanos. A sociabilidade das pessoas se dava a partir do exercício de suas atividades. Inúmeros oratórios davam certa unidade aos homens e as divindades, fortalecendo os espíritos no trabalho e nos enfrentamentos dos imprevistos corriqueiros.

Uma concepção orgânica de vida ressalta no texto de Walter Martins, através de situações que apontam a carência de talheres na louçaria da casa, sugerindo o hábito de se comer com uma das mãos em concha. A ausência de mesas nos inventários indicavam que os pratos eram seguros com a outra mão. A relação com o alimento, portanto, era de profunda interação, assim como com fluídos e odores do próprio corpo, desaguados no quarto e mantidos no seu interior até o momento oportuno de despejá-los.

Com o tempo, alguns senhores de engenho foram adquirindo móveis e louçaria mais sofisticada e variada. Sinônimo de que o árduo trabalho frutificava em melhores condições materiais, mas também não significaria certa propensão para o refinamento e mudanças nas sensibilidades e nos gostos?

As práticas agrícolas compartilhadas por estes pequenos produtores de alimentos incomodaram muito as autoridades locais, que as viam como predatórias e rústicas, ansiando substituí-las pelo arado. Entretanto, conforme afirma o autor (p. 151), os rotineiros métodos da enxada, foice e machado ainda permaneceriam por longo tempo. Não seriam indícios

⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e fronteiras**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

deste viver simbiótico com a terra que o autor tão bem talhou e que a introdução de novas técnicas ameaçavam perturbar?

Sabe-se que os inventários são instrumentos valiosíssimos para se acompanhar a mudança nas sensibilidades e nos hábitos das pessoas e os novos objetos que passam a fazer parte do cotidiano destes pequenos lavradores vêm corroborar esta afirmação. Na primeira metade do XIX campineiro, a modicidade parece ter sido comum inclusive nos engenhos mais abastados, incorporando-se como traço na cultura do paulista, tributária da existência andeja de índios e sertanistas que contribuiu para a elaboração de uma sensibilidade de desapegos materiais.

Só a vida sedentária e urbana inaugurada lentamente no XIX iria dissipar vagarosamente este traço. Acompanhando o autor na sua viagem de 50 anos pelos inventários da época, percebe-se a coexistência destes sentimentos de desapegos, insistentes em permanecer, com uma sensibilidade desejosa em refinar-se.

Como pode ter sido a vida dos escravos nestes engenhos de pequenos lavradores? Como bem mostrou o autor, ao longo de três a quatro décadas de muito trabalho, estes senhores alcançaram um nível de vida elevado e conseguiram distinguir-se socialmente. Para chegarem a esta situação, devem ter tido de ombrear a faina diária com seus escravos. Ser cativo nestes engenhos deve ter implicado em outras feições da escravidão, envolvendo maior autonomia aos escravos e uma existência mais familiar e íntima⁵.

Ainda no início de seu texto o autor afirma que em um tempo de poucas e ruins estradas que implicavam em transporte caro e dificuldades de abastecimento, “cultivar mantimentos era uma necessidade ou, no mínimo uma atitude sensata (p. 37).

Talvez mais do que necessidade e conforme já escreveu Antonio Cândido, a alimentação e portanto, plantar os próprios mantimentos, compõe o “centro de um dos mais vastos complexos culturais, abrangendo atos, normas, símbolos, representações. A obtenção da comida percorre, do esforço físico ao rito, uma gama vastíssima em que alguns têm querido buscar a gênese de todas as instituições sociais”⁶.

Também não parece possível, depois de transitar por uma concepção orgânica de vida que as relações sociais fossem inevitáveis (p.

⁵ Cf. WISSEMBACH, Maria Cristina Cortez. **Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo, 1850-1888**. São Paulo, História Social, USP/HUCITEC, 1998.

⁶ CÂNDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 7 ed. Duas Cidades, 1987, p. 29.

54), mas fundamentais e naturalmente exercitadas em inúmeras formas de sociabilidade, como nas atividades religiosas ou no trabalho coletivo.

Nem senhores, nem escravos cheira a terra e mato. A riqueza do universo sócio-cultural e econômico que desvela mostra a sabedoria daqueles que sabem deixar suas fontes falarem e interrogá-las nas questões que colocam.